

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A EXPERIÊNCIA DE EMI NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Anelise Fonseca Dutra¹
Sílvia Penna²

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo descrever a implantação e execução do projeto de ensino EMI (English as a Medium of Instruction), realizado na Universidade Federal de Ouro Preto, e avaliar o impacto do trabalho desenvolvido pelos professores que participaram do referido projeto. Dentre as estratégias de Internacionalização desenvolvidas pela UFOP, o projeto EMI é um avanço na preparação de estudantes brasileiros que participarão de processos de mobilidade internacional. Além disso, ele visa atender alunos estrangeiros que estejam em mobilidade na UFOP. Para a execução do projeto teve a participação de 4 professores que se voluntariaram para ministrar disciplinas de suas respectivas áreas em língua inglesa. Para tal, esses professores participaram de um workshop que abordou temas relativos ao EMI com o intuito de prepará-los para essa experiência. Eles também preencheram dois questionários, um antes de ministrar suas disciplinas e o outro no final do período. Os resultados apontam que a experiência foi extremamente positiva. Além de contar com grande adesão por parte dos alunos, cuja participação se manteve até o fim do semestre em pelo menos três das quatro disciplinas, a avaliação feita pelos professores demonstra seu nível de satisfação com o próprio desempenho e com o desempenho dos alunos. Por fim, eles destacam a importância dessa experiência como estratégia para ampliar as possibilidades de compartilhar conhecimento e desenvolver pesquisa com outras instituições.

Palavras-chave: Internacionalização. EMI. Estratégia de Internacionalização

THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION AND THE EMI EXPERIENCE AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF OURO PRETO

Abstract:

This work aims to describe the implementing and development of a teaching project using EMI (English as a Medium of Instruction) at the Federal University of Ouro Preto. It also aims to evaluate the impact of the work developed by the professors who were involved in the project. Among the strategies for Internationalization taken into action by UFOP, the EMI Project figures as an important step towards the preparation of Brazilian students who are going to go abroad on international mobility programs. Besides, the project is also designed to accommodate foreign students temporarily at UFOP. The development of the project involved the work of four professors who volunteered to teach their respective courses in English. In order to do that they took part in a workshop that presented EMI related themes with the purpose of preparing them for this experience. They also had to answer a questionnaire before they started the courses and another at the end of the semester. Results show that the experience was extremely positive. Besides having a considerable number of students involved, which remained the same throughout the course, in at least three of the four courses, the professors evaluated the project very positively, expressing their level of satisfaction with their own performance as well as their students performances. To conclude, they point to this

¹Doutorado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: aneldutra@gmail.com

²Mestrado em Estudos Literários. Instituto Federal de Minas Gerais. E-mail: silvia.penna@ifmg.edu.br

project as an important strategy to broaden the possibilities to share knowledge and develop research with other institutions.

Key-words: Internationalization. EMI. Internationalization Strategy

LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR Y LA EXPERIENCIA DE EMI EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE NUESTRO PRETO

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo describir la implementación y ejecución del proyecto docente EMI (Inglés como medio de instrucción), realizado en la Universidad Federal de Ouro Preto, y evaluar el impacto del trabajo desarrollado por los docentes que participaron en el referido proyecto. Entre las estrategias de internacionalización desarrolladas por la UFOP, el proyecto EMI es un avance en la preparación de estudiantes brasileños que participarán en procesos de movilidad internacional. Además, tiene como objetivo atender a los estudiantes extranjeros que se encuentran en movimiento en la UFOP. Para la ejecución del proyecto se contó con la participación de 4 profesores que se ofrecieron como voluntarios para impartir asignaturas en sus respectivas áreas en inglés. Para ello, estos docentes participaron en un taller que abordó temas relacionados con EMI con el fin de prepararlos para esta experiencia. También completaron dos cuestionarios, uno antes de impartir sus asignaturas y el otro al final del período. Los resultados muestran que la experiencia fue sumamente positiva. Además de tener una gran adherencia por parte de los estudiantes, cuya participación continuó hasta el final del semestre en al menos tres de las cuatro materias, la evaluación realizada por los docentes demuestra su nivel de satisfacción con su propio desempeño y con los estudiantes. Finalmente, destacan la importancia de esta experiencia como estrategia para ampliar las posibilidades de compartir conocimientos y desarrollar investigaciones con otras instituciones.

Palabras clave: Internacionalización. EMI. Estrategia de internacionalización

Introdução

Tratando-se de algo tão complexo quanto a internacionalização do ensino superior, é importante mencionar, mesmo que brevemente, as origens desse processo e as razões que movem as Instituições de Ensino Superior que buscam se adequar a esse novo contexto. Para tal, uma primeira distinção faz-se necessária: a diferença entre globalização e internacionalização. De acordo com Altbach e Knight (2007) apud Luce, Fagundes e Mediel (2016),

a globalização se relaciona com o contexto de tendências econômicas e acadêmicas do século XXI e, no campo da educação superior, a internacionalização é o conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos para fazer frente ao ambiente acadêmico global (p. 319-320).

O processo de globalização estabeleceu uma nova ordem e, a partir daí, indivíduos e instituições precisaram desenvolver estratégias para se adaptar a esse novo contexto. Com o imprescindível auxílio das ferramentas tecnológicas digitais as informações são transmitidas de um lado ao outro do mundo em questão de segundos. O que acontece no ocidente tem um considerável impacto político e econômico no oriente e vice-versa. Essa maior interação entre os povos, promovida principalmente pela aceleração dos processos de comunicação, tem como uma de suas principais consequências a disseminação do conhecimento. Segundo Altbach e Knight (2007), a globalização é um processo cujos resultados envolvem a integração da pesquisa — tanto entre instituições acadêmicas quanto entre indústrias de diferentes países —, “o uso do Inglês como *língua franca* para a comunicação científica, e um crescente mercado internacional de trabalho para cientistas e acadêmicos” (p. 291), entre outros fatores integradores.

É precisamente nesse contexto que surgem os esforços para a Internacionalização da Educação Superior. A começar pelo Processo de Bologna, acordo assinado por 29 países em 1999, cujo objetivo principal era “construir um espaço europeu de ensino superior e conduzir a uma Europa da ciência e do conhecimento” (WIELEWICKI; OLIVEIRA, 2010 p. 224) que, segundo os autores, priorizava

a adoção de um sistema convergente de graus acadêmicos entre os países, adoção de um sistema de educação superior em dois ciclos, o estabelecimento e generalização de um sistema de créditos acumuláveis, a promoção de mobilidade acadêmica, a garantia de qualidade e o incremento da dimensão europeia da educação superior (WIELEWICKI; OLIVEIRA, 2010 p. 224).

Da mesma forma que a Europa, que tem buscado se fortalecer através de suas instituições de Ensino, o que tem implicações importantes em sua economia, vários países têm se esforçado a fim de desenvolver estratégias para alcançar excelência em suas instituições acadêmicas. No Brasil, por exemplo, houve um substancial aumento de parcerias internacionais com o objetivo de promover a mobilidade de docentes e discentes e o desenvolvimento de pesquisa em conjunto com outras instituições. Programas como Ciência sem Fronteiras e Idiomas sem Fronteiras tiveram um impacto extraordinário nas instituições de Ensino Superior. Essas iniciativas mudaram o cenário acadêmico brasileiro e têm formado profissionais com maior qualidade e competitividade para o mercado de trabalho, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento da indústria nacional.

No caso específico da Universidade Federal de Ouro Preto são várias as atividades desenvolvidas com o intuito de aprofundar o contato com universidades, professores e alunos de várias partes do mundo. Dentre as atividades levadas adiante pela CAINT (Coordenadoria de Assuntos Internacionais), podemos citar o *Summer Course* — curso de língua e cultura brasileiras oferecido no mês de julho a estudantes de vários países; a adoção da nota do TOEFL para participar dos editais de mobilidade da UFOP; a abertura de turmas presenciais de inglês (via IsF) voltadas para os servidores técnico-administrativos da UFOP; a criação da "Sala de Aula Multiuso e Webconferência", ao lado da CAINT, para oferecimento de cursos de línguas em modalidade presencial e à distância; a implementação do Leitor de Francês em parceria com a Embaixada da França; a criação do Manual do Aluno Estrangeiro, (em português e inglês); a criação do Vídeo Institucional Internacional da UFOP; a implementação do Embaixador CAINT (com quase 5.000 seguidores no *Facebook*) que se tornou um canal muito especial e eficiente de interação com a nossa comunidade acadêmica sobre internacionalização e aprimoramento de idiomas.

Neste artigo descreveremos uma outra ação realizada com o intuito de preparar nossos alunos e nossa universidade para a internacionalização: a oferta de disciplinas em língua inglesa para alunos de graduação e pós-graduação. A partir dessa ação, desenvolveu-se o presente estudo com o objetivo de acompanhar a implantação desse projeto e analisar sua execução levando em conta alguns aspectos norteadores: a reação da comunidade acadêmica — professores e alunos dispostos a aceitar o desafio e sua motivação para fazê-lo, a preparação dos professores — seu nível de proficiência na língua inglesa, sua dinâmica para elaboração do curso, sua compreensão sobre a diferença entre ser um professor que utiliza EMI e um professor de língua inglesa, sua metodologia para essa nova abordagem e suas estratégias de avaliação. Por fim, diante dos resultados obtidos ao final das disciplinas, avaliar o impacto do trabalho desenvolvido pelos professores e os benefícios desse trabalho para a comunidade acadêmica.

Internacionalização da educação superior

Segundo Knight (2004), a internacionalização da educação é um processo intencional que tem o objetivo de integrar as dimensões internacional, intercultural e global com o propósito de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os envolvidos no processo, tanto alunos quanto professores e funcionários de cursos de educação superior. Esse processo traria, assim, uma contribuição significativa para a sociedade.

Os governos de vários países estão procurando participar desse processo com o objetivo de preparar seus cidadãos para viver e trabalhar no mundo que está cada vez mais globalizado. São várias as políticas que estão sendo implementadas em nível nacional e regional com o objetivo de promover a internacionalização da educação superior. No caso do Brasil, podemos citar o programa Ciências sem Fronteiras que focou na mobilidade como um dos pilares principais para a internacionalização de suas universidades.

Uma pesquisa feita por de Wit (2002) sobre a internacionalização da educação superior nos Estados Unidos e na Europa detectou quatro categorias adotadas pelos países em seus esforços de internacionalizar sua educação superior: acadêmica, econômica, política e sociocultural. Em relação à categoria acadêmica, que é o foco deste estudo, de Wit citou os seguintes objetivos: 1) expandir a capacidade da educação superior; 2) melhorar a qualidade da educação superior; 3) aumentar o prestígio e a posição das IES; 4) criar e aumentar o conhecimento de forma geral.

Uma outra pesquisa levada adiante pela *American Council Education* em 2015 sobre a internacionalização da educação superior, e cujo objetivo era fornecer um melhor entendimento sobre a eficácia dos programas em andamento em um contexto comparativo, fez um levantamento das principais categorias existentes, que incluem essa utilizada pelo governo brasileiro. São cinco as categorias de internacionalização que estão definidas a seguir.

Tipo 1: Mobilidade estudantil

Esta mobilidade pode ser dividida em dois tipos: a mobilidade para obtenção do diploma ou a mobilidade para a obtenção de créditos. No primeiro caso, o aluno vai ao exterior para obter um diploma no país que o recebe. No segundo, o aluno recebe apenas os créditos pelas disciplinas cursadas. O foco é atrair estudantes internacionais ou promover e incentivar a mobilidade de alunos locais para o exterior. As estratégias podem incluir objetivos como o número de alunos a serem recebidos ou enviados, o destino dos alunos e os seus perfis específicos, como a área de estudo, por exemplo.

Tipo 2: Mobilidade acadêmica e colaboração na pesquisa

Enquanto a mobilidade estudantil é considerada um ponto chave da internacionalização, a mobilidade acadêmica e a colaboração na pesquisa são consideradas peças importantes para enriquecer as instituições e os sistemas de ensino superior. O objetivo desta categoria é estimular a criação e o compartilhamento do conhecimento em um contexto global e em termos de novas abordagens de ensino e aprendizagem.

Algumas iniciativas desta categoria incluem fundos para pesquisadores visitantes; programas e bolsas para enviar os pesquisadores para o exterior; políticas para repatriar pesquisadores que moram em outros países; verbas para pesquisas e projetos.

Tipo 3: Educação entre fronteiras (*Cross-border education*)

Outros termos que podem ser usados para educação entre fronteiras são educação transnacional, educação sem fronteira e educação *offshore*. Segundo Knight (2007), educação entre fronteiras se refere ao movimento de pessoas, programas, currículos, projetos, pesquisas que ocorrem entre fronteiras regionais e nacionais. A educação entre fronteiras pode incluir igualmente campi filiais ou formas virtuais como cursos de aprendizagem a distância e cursos online (MOOCs³).

Tipo 4: Internacionalização em casa

A internacionalização, atualmente, é entendida como tendo duas possibilidades: no exterior ou em casa. Desde o programa Erasmus, na Europa, foi desenvolvida uma discussão sobre o que o programa deveria representar para a maioria dos alunos que não tinham a condição de fazer a mobilidade. A partir destas discussões, a internacionalização em casa passou a significar uma integração das dimensões internacionais e interculturais nos currículos de todos os alunos em ambientes domésticos (BEELEN & JONES, 2015). Beelen e Leask (2011) definem a internacionalização em casa como “uma série de instrumentos e atividades ‘em casa’ (na própria instituição do estudante) que focam no desenvolvimento das competências internacional e intercultural de todos os alunos”.

Esse tipo de internacionalização tem o potencial de afetar um número bem maior de alunos, em oposição à mobilidade que tem um número limitado de alunos que conseguem estudar no exterior. No entanto, a internacionalização em casa continua sendo um dos aspectos menos desenvolvidos nas instituições de ensino superior no mundo.

Tipo 5: Estratégias amplas de internacionalização

Estas estratégias podem ser de dois tipos: estratégias globais ou estratégias com um foco geográfico específico. O primeiro tipo não se limita a uma região ou país específico para recrutar estudantes internacionais, para enviar alunos ou para fazer parcerias. Já o segundo tipo tem o objetivo de criar conexões e parcerias entre a educação superior de um país e de outro.

Duas pesquisas sobre internacionalização feitas na Europa e em outros países do mundo (WIT; HUNTER, 2013) demonstram que os líderes em educação superior e os

³ Massive Online Open Courses — cursos online abertos, geralmente desenvolvidos por instituições acadêmicas, acessíveis a qualquer pessoa com acesso à internet.

praticantes da educação internacional veem os benefícios e as razões para se ter o programa de internacionalização. Os seguintes aspectos são citados:

- _ A melhoria da qualidade do ensino, aprendizagem e preparação dos alunos que vivem e trabalham em um mundo globalizado;
- _ Políticas regionais e nacionais como um fator crucial para a internacionalização das instituições;
- _ Mobilidade estudantil como um foco da política de internacionalização institucional;
- _ Colaboração internacional nas pesquisas e parcerias estratégicas como prioridades, principalmente nas instituições europeias.

Enquanto vários países ao redor do mundo procuram formas de desenvolver seus processos de internacionalização, é preciso deixar claro, como afirma de Wit (2013), entre outros, que a internacionalização não deveria ser um fim em si mesma, mas um meio para melhorar a capacidade do ensino, da pesquisa, em suma, do papel da educação superior na sociedade.

Inglês como meio de instrução - *English as a Medium of Instruction* (EMI)

De acordo com Dearden (2014), o Inglês como meio de instrução, EMI em inglês, pode ser definido como o uso da língua inglesa para ensinar matérias acadêmicas em países onde a primeira língua da maioria da população não é o inglês. Segundo a autora, é importante esta definição para mostrar a diferença entre este termo e outros usados na área. A seguir mostramos alguns destes termos.

- CLIL – *Content and Language Integrated Learning* (Aprendizagem Integrada de Conteúdo e Língua). Neste caso específico, a língua a ser usada não é citada, podendo ser qualquer língua estrangeira, enquanto que no caso do EMI a língua é obrigatoriamente o inglês. Outra diferença é que como o próprio nome diz, o ensino da língua é parte integrante dos objetivos do CLIL, enquanto que isso não é obrigatoriamente parte dos objetivos do EMI.
- EFL – *English as a Foreign Language* (Inglês como língua estrangeira). É o ensino da língua inglesa em países onde a primeira língua, ou a língua dominante, não é o inglês. São os cursos geralmente ofertados no Brasil em escolas de idiomas e escolas regulares. Neste caso, o objetivo é o ensino da língua inglesa e não de conteúdos acadêmicos em língua inglesa.

- ESP – *English for Specific Purposes* (Inglês para fins específicos). Segundo Dudley-Evans (1997), ESP é desenvolvido para atender as necessidades específicas dos aprendizes. Outra característica é que ele é centrado na apropriação da língua necessária para a realização das atividades em termos de gramática, léxico, registro, etc. Novamente, isso difere do EMI uma vez que o objetivo deste é o ensino de um conteúdo programático, sendo que a aprendizagem da língua pode ocorrer, mas não é o objetivo.

Em um estudo realizado pelo Conselho Britânico (2014) em 55 países, entre eles o Brasil, há diversas razões para a implementação do EMI em instituições de ensino superior. Dentre os motivos apontados, podemos citar o fato de os administradores considerarem que o EMI é um excelente mecanismo para a internacionalização da sua oferta de educação, assim como é uma excelente forma para criar oportunidades para que seus alunos façam parte de uma comunidade global tanto acadêmica quanto de negócios. Eles também acreditam que o EMI é uma forma rápida para aumentar a mobilidade internacional e para garantir que seus alunos possam competir no mercado mundial. Por outro lado, os professores, apesar de igualmente serem favoráveis à implementação do EMI nas universidades, o fazem por motivos mais ideológicos. Eles pensam que o ensino por meio da língua inglesa pode melhorar a comunicação e a troca de ideias, e até mesmo criar relações entre os países. Desta forma, segundo eles, o objetivo maior seria facilitar a paz mundial. Além destes objetivos mais amplos, os professores também citam que o EMI é uma forma de abrir portas para seus alunos e atrair estrangeiros de destaque para suas universidades para que possam compartilhar conhecimentos de forma mais extensa.

Um dos aspectos apontados neste estudo são as áreas que precisam ser melhoradas no processo de implementação do EMI nas IES. Veremos que na parte da descrição deste estudo que muitos destes aspectos são preocupações encontradas também na UFOP. Entre as preocupações citadas estão a falta de professores de EMI, a falta de recursos, uma falta de guias claros para o ensino, a forma de examinar e avaliar o ensino, um nível padrão de inglês dos professores envolvidos no EMI e o papel cambiante do professor. Este último aspecto diz respeito ao fato de o professor, mesmo não sendo este o objetivo principal do EMI, ter que se preocupar com a língua usada e ter, em determinados momentos, que auxiliar seus alunos no aspecto linguístico.

O EMI já é uma realidade e universidades como Cambridge, por exemplo, já oferecem cursos preparatórios para os interessados em ensinar usando a língua inglesa. O curso visa dar apoio aos objetivos de internacionalização e assegurar mais confiança aos professores ao dar aulas em inglês. É importante deixar claro que o EMI não é apenas ofertado nas universidades; ele ocorre também nas escolas secundárias e até mesmo primárias. Dá-se uma atenção especial às universidades por ser o foco principal deste artigo.

A Experiência de EMI (*English as a Medium of Instruction*) na Universidade Federal de Ouro Preto

Há alguns anos a Universidade Federal de Ouro Preto já tem como um de seus objetivos na área de internacionalização a oferta de disciplinas em língua inglesa. Como ponto inicial, foi feito um levantamento junto aos professores para verificar quantos dentre eles estariam dispostos a oferecer disciplinas em língua inglesa. O número alto de interessados foi uma surpresa agradável para todos os envolvidos.

Um segundo passo foi o lançamento de um edital aberto a professores de todas as áreas para a escolha de disciplinas a serem ofertadas em língua inglesa. Esta disciplina seria uma turma extra além daquelas que o professor já ofereceria no semestre. Para este trabalho suplementar os professores escolhidos receberiam uma bolsa. Os passos para a escolha dos candidatos foram os seguintes: inscrição dos professores com a apresentação do currículo e entrevista com uma banca formada por 3 professores com ampla experiência no ensino em língua inglesa. Os professores escolhidos eram proficientes em língua inglesa, porém trabalhavam com áreas diversas do Ensino de Língua. Posteriormente, os referidos professores passaram por um workshop sobre EMI, tendo a língua inglesa como língua de instrução. A seguir as ETAs (*English Teaching Assistants*), professoras assistentes do programa Fulbright, que se encontravam na UFOP como parte do programa Idiomas sem Fronteiras, se colocaram à disposição dos professores para auxiliá-los, caso necessário, na elaboração dos materiais didáticos em língua inglesa.

Foram selecionados quatro professores para o projeto cujas áreas eram diversas e abarcaram vários cursos. Os nomes das disciplinas estão citados a seguir já em língua inglesa: *Numerical Analysis; Rational Mechanics; Entrepreneurship in Action; Fundamentals of Proteomics.*

As disciplinas, apesar de fazerem parte das obrigatórias de cada um de seus cursos, foram ofertadas aos alunos como uma possibilidade extra de adquirir os créditos e aprimorarem os conhecimentos na língua inglesa, e as mesmas disciplinas continuaram a ser

oferecidas em português. Para os alunos que aceitassem fazer parte desse projeto, constaria em seu currículo que aquela matéria foi cursada em língua inglesa. Tanto alunos da graduação quanto da pós-graduação puderam se inscrever.

Como uma forma de evitar alguns dos problemas citados por Dearden (2014) na seção anterior, foi elaborado na Universidade Federal de Ouro Preto, por uma professora do curso de Letras e por uma professora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), um curso / workshop relativo ao EMI. Neste curso foram tratados os seguintes pontos: *English as a Medium Instruction (EMI); Internationalization; Classroom management: Class profile / Language issues / Curriculum development / Syllabus; Syllabus presentation (by each professor); Teaching methods; Assignment design; Assessment; Grading system.*

Foi pedido igualmente aos professores que preenchessem um questionário antes e após a condução do curso em língua inglesa. Os resultados estão apresentados e discutidos a seguir.

Questionário inicial

A primeira pergunta focou nas razões que levaram estes professores a terem se voluntariado para esse programa. As repostas demonstram, primeiramente, que todos consideram importante o uso da língua inglesa para a internacionalização da universidade.

Em seguida, professores relataram o desejo de manter uma colaboração internacional para suas pesquisas, o que já vem acontecendo de forma isolada em seus departamentos. Um professor citou que parte de sua motivação vem do fato de ele oferecer a disciplina no campus de João Monlevade. Ele acredita que seja importante para o programa ter esse contato em todos os campi da universidade.

Além disso, os participantes informaram que a UFOP está desenvolvendo este programa porque o inglês é a língua chave (língua franca) para a internacionalização de qualquer instituição, que o aluno da universidade estará preparado para vivenciar excelentes oportunidades no exterior e que a UFOP poderá atrair alunos do mundo inteiro para seus cursos.

Uma outra questão levantada diz respeito à aceitação da comunidade acadêmica em relação a ter disciplinas em inglês no currículo. Três professores responderam que já escutaram comentários positivos tanto de alunos quanto de professores. Um deles, no entanto, tem dúvidas de que a importância do assunto esteja clara para todos. Ele afirma que este momento pode ser uma excelente oportunidade para criar uma boa impressão dos cursos para que outros possam ser estimulados.

Nas outras respostas dadas os professores demonstram a vontade de trabalhar neste programa e já citam as formas como estão preparando suas notas e material. Há mesmo um professor que diz que de certa forma será mais fácil, pois a bibliografia a ser repassada aos alunos já está em língua inglesa. Em relação ao nível linguístico dos alunos, os professores citam que uma certa competência é fundamental, mas eles não souberam dizer qual seria essa competência. Todos disseram que o objetivo principal não é a aprendizagem da língua inglesa, mas que isso poderá ocorrer ao longo das aulas.

Questionário final dos professores

Embora o questionário inicial seja importante para conhecermos as motivações e o conhecimento prévio dos professores sobre o assunto, é o questionário final que traz as respostas mais importantes para compreendermos como se deu esta primeira experiência envolvendo o ensino de disciplinas de graduação e pós-graduação em língua inglesa na Universidade Federal de Ouro Preto.

Um primeiro dado fundamental é o número de alunos inscritos e o número de alunos que finalizaram o curso. O quadro a seguir mostra que, à exceção de uma disciplina, as outras três começaram e terminaram com praticamente o mesmo número de alunos. Isso demonstra que não houve uma dificuldade muito grande por parte destes alunos com o ensino em língua inglesa. Demonstra, também, que os professores foram muito bem-sucedidos em sua primeira experiência na aplicação do EMI, pois as expectativas desses alunos ao iniciarem o curso foram satisfatoriamente correspondidas.

TABELA: Número de alunos inscritos por disciplina

Disciplinas	Alunos iniciantes	Alunos que finalizaram
Rational Mechanics	43	43
Fundamentals of Proteomics	13	13
Numerical Analysis	11	10
Entrepreneurship In Action	19	8

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto à disciplina em que houve um grande número de alunos desistentes, entre a primeira e a segunda semana (19 na primeira semana, 10 desistentes para a segunda), o próprio professor procurou descobrir as causas que levaram tantos alunos a abandonarem o curso. A disciplina Ações Empreendedoras estava aberta a alunos de todos os cursos, assim como alunos da graduação e da pós-graduação. Houve inscrição apenas de alunos da

graduação, o que já chamou a atenção do professor sobre o motivo da falta de interesse de alunos da pós. Entre os alunos que se inscreveram, o professor percebeu que provavelmente muitos não tinham um real interesse no empreendedorismo. Nas poucas aulas a que frequentaram os alunos não conseguiram apresentar ideias de negócios ou mesmo se engajar nas ideias de outros alunos.

As duas outras hipóteses sobre a desistência dos alunos dizem respeito ao uso da língua inglesa pelo professor e pelos alunos. O professor levanta a possibilidade de ele não ter atendido às expectativas dos alunos em relação ao seu nível linguístico ou ter cometido algum erro que possa ter desagradado aos alunos. Esta hipótese parece ser pouco provável uma vez que o professor, apesar de apresentar um nível linguístico diferente de seus 3 colegas, foi considerado competente e apto a ofertar a disciplina em inglês pelo comitê julgador.

A segunda hipótese em relação ao inglês foi levantada e em seguida refutada pelo próprio professor: a de os alunos terem um nível baixo e não estarem compreendendo a matéria ou não estarem em condições de participar. Ele acredita que isso possa ter acontecido apenas com dois alunos que realmente não estavam acompanhando o curso e desistiram.

Uma outra possibilidade reúne as anteriores. Como o curso é dado com os alunos sentados em círculo, eles podem ter se sentido intimidados por se verem obrigados a falar e apresentar tarefas em todas as aulas. A hipótese levantada pelo professor é que os alunos talvez tivessem a expectativa de ouvir mais o inglês do que ter que falar o tempo todo. Isso pode ter assustado os alunos. Infelizmente não tivemos as respostas destes alunos para confirmarmos as hipóteses, embora tenhamos enviado um questionário a todos.

A segunda pergunta do questionário final procura saber se os professores julgaram que os resultados deste ensino tenham sido satisfatórios. Os quatro afirmaram que sim, que os alunos se sentiram particularmente felizes por terem cursado a disciplina em inglês. As duas respostas copiadas abaixo na íntegra mostram a importância deste ensino tanto para alunos quanto para os professores.

Professor 1

Ao longo do curso verifiquei que, embora os alunos tenham apresentado certa timidez para se expressarem em inglês, particularmente nas primeiras aulas do curso, as atividades extra-classe, todas utilizando escrita em língua inglesa mostraram claramente que o conteúdo abordado foi muito bem assimilado. Ainda durante as aulas, discussões em grupo foram bastante produtivas e contribuíram para amenizar a timidez de alguns alunos. Acredito que consegui passar a ideia de que eles não estavam sendo avaliados com relação ao desempenho na língua inglesa e notei que ao final do curso vários alunos se mostraram bem mais à vontade para se

expressarem, mesmo conscientes de que em alguns momentos a pronúncia e a gramática não estivessem 100% corretas.

Professor 2

Foram muito satisfatórios, tanto para os alunos quanto para mim. A forma de avaliação que eu apliquei envolveu os alunos em um trabalho de equipe com apresentação oral de exercícios avaliativos. Sinto que o resultado foi muito bom pelo que ouvi dos alunos e que tenho ouvido de colegas e outros alunos interessados em cursar essa disciplina. Muitos alunos de Engenharia me perguntaram se não haveria a possibilidade de ser oferecido novamente essa disciplina em língua inglesa.

Como dito anteriormente, o objetivo do EMI não é o ensino de língua inglesa. No entanto, foi perguntado aos professores se eles acreditam que os alunos tenham aprendido a língua ao longo do processo. O aprendizado, ou mais precisamente, o desenvolvimento da prática da língua foi mencionado pelos quatro professores. De certa forma, eles estão conscientes que ajudaram seus alunos a aprenderem termos específicos de suas disciplinas, assim como a desenvolver uma maior fluência em inglês, como demonstra as respostas a seguir.

Professor 1

Sem dúvida, apresentei notas de aula em língua inglesa desde o princípio e isso parece ter ajudado muito. O fato de eles terem de conversar entre eles mesmo em inglês (no trabalho de equipe) e na apresentação oral, juntamente com o “escutar” das aulas em língua inglesa me parece ter ajudado muito.

Professor 2

Sem dúvida. Embora todos já tivessem passado por alguma experiência com aprendizado de língua inglesa no Brasil, ter a oportunidade de vivenciar a disciplina ministrada inteiramente em inglês foi muito importante para o aumento do vocabulário escrito e falado, a prática do ‘*listening*’ e ‘*writing*’ contribuiu para deixá-los mais seguros com relação ao domínio da língua inglesa. Algumas vezes interrompi a aula para, num momento de descontração, explicar alguma frase utilizada particularmente no dia a dia do inglês Britânico e eles se mostraram curiosos com algumas construções.

Professor 3

Eles praticaram a língua inglesa, mas não aprenderam sobre.

Professor 4

Aprenderam inglês além do conteúdo. Mais importante, ficaram com mais desenvoltura na expressão verbal. A compreensão também melhorou ao longo do curso. Aprenderam alguns termos e expressões específicos ao curso.

Uma próxima pergunta diz respeito às dificuldades que os alunos possam ter enfrentado ao fazer um curso em língua inglesa. Apenas um professor diz não ter sentido problemas em relação ao curso ser em inglês. No entanto, este foi o curso em que muitos alunos desistiram, assim os alunos que ficaram podem ser aqueles que tinham um melhor

nível linguístico. Os outros professores escreveram respostas semelhantes: eles sentiram que inicialmente seus alunos apresentaram dificuldades de compreensão e expressão relacionados ao inglês, principalmente pelo fato de as turmas serem heterogêneas no nível linguístico. Aqueles alunos com uma maior habilidade linguística e/ou que já tinham experiência no exterior apresentaram mais facilidade, o que pode ter intimidado um pouco os outros alunos. Mas os professores afirmaram que com o passar das aulas e com a sua ajuda, principalmente no linguajar das disciplinas, houve uma diminuição da ansiedade geral e os problemas foram minimizados. Um professor citou que em alguns casos, quando uma tarefa maior era exigida, os grupos elegiam um porta-voz que tivesse um nível linguístico mais desenvolvido.

Como o EMI é novo em nossa instituição e apenas um workshop foi apresentado aos professores antes de eles assumirem suas turmas, foi perguntado a eles sobre as dificuldades que eles enfrentaram na condução desta disciplina em inglês. Dois professores afirmaram que não encontraram dificuldades, que se sentiram muito bem e gostaram da experiência. Um terceiro professor afirma que as dificuldades não foram muito diferentes das de qualquer outra disciplina. O maior problema era a grande diferença de nível de conhecimento técnico entre os alunos. Um problema menor, mas que também causava dificuldades, foi o diferente nível de inglês dos alunos que atrapalhava o andamento das aulas. Um quarto professor diz que teve que utilizar de abordagens alternativas ou meios diferenciais para explicar um determinado tópico, mas que esse é o papel normal de um professor. Ele explica que em raras ocasiões, em que ele percebeu que seus alunos não tinham assimilado o conteúdo explanado, ele fez a abordagem também na língua portuguesa. Ele não considera que isso tenha sido um problema, pois mesmo nessas ocasiões o aluno pode se beneficiar da aprendizagem da língua, pois ele entende o que precisa ser aperfeiçoado com relação ao domínio da língua inglesa.

Para finalizar, foi perguntado aos professores se eles obtiveram algum *feedback* da comunidade acadêmica e se tinham algum comentário final a fazer. Em relação ao *feedback* de outros professores e alunos, as respostas foram todas positivas. Quando outros professores escutavam sobre essa iniciativa, eles a consideravam muito bem vista no contexto dos Programas de Pós-Graduação, pois trata-se de uma prática estimulada pela CAPES para a internacionalização da pós-graduação no Brasil. Todos os professores participantes, assim como outros, se mostraram interessados em continuar a oferecer disciplinas em língua inglesa, com ou sem bolsa. Eles acreditam que disciplinas em língua inglesa deveriam fazer parte da grade curricular.

Para finalizar as respostas dadas no questionário final, deixamos aqui um comentário feito por um dos professores que resume bem esta experiência de EMI na UFOP.

Gostaria de deixar registrado que a experiência de ministrar uma disciplina em inglês foi extremamente enriquecedora para mim como professor. Poder observar a satisfação dos alunos no entendimento de um tópico científico em língua estrangeira, sem dúvida, contribuiu para aumentar a confiança deles com relação à língua e espero tê-los motivado para novos desafios. Particularmente no contexto da pós-graduação esse tipo de iniciativa é fundamental, pois a grande maioria dos tópicos abordados não estão ainda registrados em livros e, dessa forma, tive a impressão de que a disciplina ofertada em inglês proporcionou um ambiente para discussões bem atuais na área de Proteômica. Ou seja, na minha opinião esse tipo de iniciativa proporciona ao aluno da UFOP um contato direto com tópicos atuais que certamente estão sendo discutidos em qualquer lugar do mundo neste momento. Em suma, tal iniciativa representa fator essencial para a transposição de barreiras física, econômica e social que porventura possam existir.

Considerações Finais

Esta primeira experiência de ofertar disciplinas em língua inglesa na Universidade Federal de Ouro Preto revelou-se uma iniciativa de grande sucesso, pois os resultados descritos acima se mostraram bastante encorajadores. Na descrição de todo o processo feita ao longo deste artigo, foi possível compreender que vários aspectos contribuíram de forma efetiva para que se alcançasse tais resultados. Faz-se necessário retomar alguns desses aspectos de modo a enfatizar sua importância na dinâmica do processo.

Em primeiro lugar, a reação surpreendente da comunidade acadêmica à iniciativa, pioneira nesta universidade, foi a pedra fundamental para o desenvolvimento do projeto. Professores e alunos acolheram com entusiasmo a possibilidade de participar deste experimento que, nas palavras de um dos professores, permitiu “ao aluno da UFOP um contato direto com tópicos atuais que certamente estão sendo discutidos em qualquer lugar do mundo neste momento”. Essa possibilidade de ter acesso ao material de pesquisas de ponta sem a mediação da tradução coloca os alunos da Universidade Federal de Ouro Preto em patamar de igualdade com alunos de grandes universidades no exterior. Além disso, a disponibilidade de ambos os seguimentos para aceitar esse desafio evidenciou que tanto aqueles que tiveram uma experiência acadêmica no exterior quanto aqueles que ainda não tiveram essa oportunidade reconhecem a importância dessa iniciativa e anseiam pelas novas possibilidades que dela possam surgir.

Em segundo lugar, outro aspecto essencial para a execução do projeto foi a cuidadosa preparação dos professores. O avançado nível de proficiência dos professores teve um papel importante, pois a língua inglesa em nenhum momento foi algo que lhes causasse ansiedade. O foco realmente estava sobre a metodologia, a construção de um programa que atendesse às expectativas dos alunos e estivesse dentro da proposta do projeto e, por fim, o desenvolvimento de estratégias de avaliação. Todos esses tópicos foram apresentados e discutidos no workshop oferecido aos professores no período anterior ao início das aulas. Os professores tiveram então a oportunidade de aprender mais sobre EMI e de como ele poderia ser usado. Tiveram acesso também a diferentes modelos de programas de curso e sugestões de estratégias de avaliação.

Posteriormente, ao analisar os programas que foram apresentados por esses professores, foi possível verificar que estavam todos cientes de que seu papel não era ensinar a língua inglesa, mas usá-la como um meio de interação na sala de aula. Além disso, eles compreenderam que não bastava fazer uma versão de seus slides em inglês. Era fundamental criar novas estratégias que se alinhassem a essa proposta inovadora, de modo a proporcionar aos alunos os meios necessários para ter uma participação mais efetiva na dinâmica das aulas. Trabalhos em equipe, apresentações e discussões de ideias em círculos foram algumas das estratégias que imprimiram um maior dinamismo aos cursos e permitiram uma diversificação nos modos de avaliação. Esse cuidado foi primordial, pois conferiu aos alunos um papel mais ativo no seu processo de aprendizagem em um contexto que exigia o uso de uma língua estrangeira. Tal contexto representava uma mudança que poderia intimidar os alunos com menor proficiência e prejudicar o andamento de todo o processo. No entanto, os resultados apontam que a taxa de evasão foi praticamente nula em 3 das 4 disciplinas. Além disso, as respostas dos professores ao questionário final expressam sua satisfação ao perceber a evolução gradativa dos alunos que perderam a insegurança/timidez do princípio e passaram a se expressar com mais desenvoltura em língua inglesa.

O progresso dos alunos em seu desempenho no uso da língua inglesa surge como uma consequência natural da prática a que foram submetidos no decorrer do curso. Esse é um importante benefício proveniente da aplicação do EMI nas aulas, porém, é apenas mais um entre os vários que essa iniciativa da Universidade Federal de Ouro Preto traz para sua comunidade. A oportunidade de cooperação em pesquisas, o compartilhamento de conhecimento, a possibilidade de receber alunos de instituições internacionais, a melhoria na qualidade da educação superior, a ampliação da capacidade das IES, a transposição de fronteiras e a integração de culturas e instituições são as grandes conquistas que a

internacionalização pode trazer. A oferta de disciplinas em língua inglesa na graduação e na pós-graduação foi um passo importante neste sentido e deve ser mantido em todos os semestres. Os resultados obtidos nos levam a acreditar que o EMI é um fator essencial no desenvolvimento desse processo.

Referências

- ALTBACH, Philip; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, Los Angeles, n. 3/4, v. 11, p. 290-305, 2007.
- BEELLEN, J. & LEASK, B. "Internationalization at home on the move". *Internationalization of Higher Education Handbook*. Berlin: Raabe Academic Publishers. 2011a.
- BEELLEN, J. & JONES, E. Redefining internationalization at home. Bucharest, Romania: Bologna Researchers Conference. 2015b.
- British Council. Annual Report 2013–14. http://www.britishcouncil.org/sites/britishcouncil.uk2/files/d554_annual_report_final.pdf. – Acesso em 23/09/2019.
- DEARDEN, J. English as a medium of instruction– a growing global phenomenon. Oxford: University Of Oxford, 2014. Disponível em < www.teachingenglish.org.uk > Acesso em 04/10/2017.
- DE WIT, Hans. Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis. Westport, CT: Greenwood Press. 2002a.
- DE WIT, Hans. Rethinking the concept of internationalization. In STIASNY, M. & GORE, T. (Eds.). *Going Global: identifying trends and drivers of international education* (pp. 213-218). London: Emerald Group Publishing. 2013b.
- DE WIT, Hans. & HUNTER, F. 25 years of international education and the EAIE: A changing world. In de WIT, H., HUNTER, F., JOHNSON, L. & VAN LIEMPD, H-G. (Eds.). *Possible futures: the next 25 years of the internationalisation of higher education* (pp. 1-27). Amsterdam: European Association for International Education. 2013c.
- European Commission. 2013a. European higher education in the world. <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/NOT/?uri=CELEX:52013DC0499>. Acesso em 12/10/2019
- European Commission. 2014b. Effects of Mobility on the Skills and Employability of Students and the Internationalization of Higher Education Institutions. Luxembourg: Publications Office of the European Union. http://ec.europa.eu/education/library/study/2014/erasmus-impact_en.pdf. Acesso em 15/10/2019.
- HELMS, R. M.; RUMBLEY, L.E.; BRAJKOVIC, L.; MIHUT, G. *Internationalizing Higher Education Worldwide: national policies and programs*. Washington: American Council on Education, 2015.
- KNIGHT, Jane Internationalization Remodeled: definition, approaches, and rationales. *Journal of studies in international education*. Spring, n.1, v.8, p. 5-31, 2004a.
- KNIGHT, J. Higher education in turmoil. The changing world of internationalisation. Rotterdam, the Netherlands: Sense Publishers. 2008b.
- KNIGHT, Jane. Internationalization Brings Important Benefits as Well as Risks International Educator. *ProQuest Central*, n/a, n.16, v.6, p. 59-62. Nov/Dec 2007c.
- LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, C. Vila; MEDIEL, O. González. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação*, Campinas, SP, n.2, v.21, p. 317-339, julho 2016.
- WIELEWICKI, H. de Godoy; OLIVEIRA, M. Rubin. Internacionalização da educação, superior:

processo de bolonha. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. n.67, v.18. p. 215-234, Rio de Janeiro, abr./jun. 2010.

